

CIDADÃO DE LIMPEZA URBANA¹

Thandara Bomfim YUNG²
Lucas Queiroz MADUREIRA³
Profa. Msc. Karina Gomes BARBOSA⁴
Universidade Católica de Brasília, Brasília, DF

RESUMO

O documentário *Cidadão de Limpeza Urbana* exhibe uma sequência de depoimentos de garis, os quais revelam histórias de preconceito e orgulho durante a jornada de trabalho. O produto tenta dar voz a essa categoria que, muitas vezes, permanece invisível aos olhos da sociedade e também mostra os desafios enfrentados ao longo do dia de serviço.

Palavras-chave: Documentário; gari; cidadão; preconceito; orgulho.

INTRODUÇÃO

Tudo começou após o incômodo que surgiu a partir de uma conversa com André numa tarde de domingo. O morador de rua – bonito e com extenso vocabulário – externou o desconforto que sentia em simplesmente ser ignorado por outras pessoas, mesmo quando a abordagem que fazia era amistosa e educada.

A insatisfação de André fez brotar a inquietude e necessidade em produzir algo que pudesse dar às pessoas que são ignoradas a chance de falar. A resposta veio em formato de documentário. Inicialmente, este projeto contaria a história de Eduardo, Xuxa, Roberto, Zóio, Mary Jane e seus companheiros de acampamento improvisado. Tudo ia muito bem encaminhado, mas até o ponto final do trabalho – e do curso – muita coisa iria mudar. E um inconveniente acontecimento nos fez ter que alterar nosso foco.

Durante dois meses executamos da maneira mais delicada possível um processo de aproximação com os moradores do acampamento. O objetivo era que essas pessoas confiassem em nós e nos contassem, enquanto estivéssemos armados com a câmera, suas histórias de vida.

Inocentemente, julgamos que estávamos preparados para lidar com uma realidade de vida tão distinta da nossa e tão fortemente marcada por violência e discriminação. No encontro no dia 05 de agosto, todas as histórias seriam contadas. Era o combinado com o

¹ Trabalho submetido ao XIX Prêmio Expocom 2012, na Categoria Jornalismo, modalidade Documentário em Vídeo.

² Aluna líder do grupo e estudante recém-graduada do Curso de Comunicação Social – Jornalismo, email: thandyung@gmail.com.

³ Estudante recém-graduado do Curso de Comunicação Social – Jornalismo, email: lucasqueimadu@gmail.com.

⁴ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Comunicação Social - Jornalismo, email: karina.barbosa@gmail.com.

Roberto, um dos líderes locais. Ao chegar ao acampamento, os barracos haviam sido derrubados e a informação que recebemos foi: “O Robeto? Ele está lá no IML. Mataram ele ontem à noite”. Este foi o primeiro baque, mas muito ainda estava por vir.

Por quase uma hora, conversamos com Zóio – que preferiu não nos informar seu nome de batismo – e Mary Jane, ambos moradores do local. Nos contaram histórias impressionantes de suas vidas e toparam filmar no dia seguinte. Zóio se mostrou um exímio conhecedor de teoria musical, explicando minuciosamente particularidades deste universo. Como eles estavam sem quase nada por causa da ação na noite anterior, garantimos que buscaríamos um colchão para trazer para eles.

Menos de 20 minutos depois voltamos ao acampamento e a cena que vimos pode ser resumida em uma palavra: medo. Zóio gritava com uma mulher enquanto outro homem tentava controlá-lo. De longe, assistimos ele atacando-a com uma pedra. Quando nos viu, gritou que era para irmos embora. Na tentativa de acalmá-lo, o José gritou que havíamos trazido um chinelo, comida e um colchão. Ele e o homem desconhecido se aproximaram, Zóio atrás. Pegaram as doações e alertaram, “Muito obrigado. Mas agora eu peço que vocês três vão embora daqui. É melhor”. O morador de rua portava uma pedra em uma mão e uma faca na outra. No cós da bermuda, uma chave de fenda. Foi bem convincente.

Assustados, entramos no carro e fomos embora. No caminho, a mulher atacada ia andando aos prantos na beira da pista. Era Mary Jane. A possibilidade de que a briga e a mulher ferida poderiam ter sido nossa responsabilidade por conta da interferência no dia a dia dos moradores pesou sobre nossas costas. Temos o direito de invadir uma realidade de vida e gerar conflitos dentro de um lugar que já os possui naturalmente?

Tais pensamentos ficaram na cabeça e chegamos à conclusão de que não estamos preparados psicologicamente (ainda) para lidar com esse tipo de situação. É uma realidade muito intensa e muito carregada de controvérsias. Um entrevistado que morreu, uma mulher que pode ter sido agredida por nossa causa. O peso de tais responsabilidades é muito alto e, por esse motivo, desistimos do tema específico e moradores de acampamento se tornou uma opção fora de cogitação.

A questão da (in)visibilidade social, no entanto, permaneceu latente e foi a base para encontrarmos qual seria o novo foco dado ao trabalho. O novo desafio foi encontrar uma

categoria que vivesse em condições ligeiramente mais amenas. Registrar cidadãos⁵ que, pelo simples fato de estarem trabalhando, são vistos sob um véu de preconceitos: os garis.

O uniforme alaranjado funciona como uma capa de invisibilidade. Pessoas passam por garis e olham reto, como se não houvesse ninguém por perto, sequer desviam para não esbarrar com eles.

Esse se tornou o nosso novo objetivo: buscar saber quem são as pessoas responsáveis por deixar a cidade limpa. Conhecer seus problemas como profissionais, seus orgulhos, perigos e histórias. Enfim, dar voz a essa categoria que não é valorizada pela sociedade, mas que deveria.

Questão problema

O nosso trabalho de conclusão de curso consiste em um produto audiovisual com linguagem documental que retratará fragmentos da realidade da rotina de trabalho de garis que trabalham no Distrito Federal, em três diferentes turnos e especificidades.

O recorte de tal realidade e a exposição da mesma darão visibilidade aos garis, que terão a chance de expor suas histórias, a maneira como sentem que são enxergados e a sensação que têm deles mesmos.

Além das questões que serão respondidas por meio dos depoimentos, outras de ordem técnicas ficam em evidência na produção do documentário. São elas: qual a melhor maneira de mostrar os garis trabalhando? A iluminação com *set light* é realmente necessária? É possível gravar sem interferir no trabalho deles?

Em suma, durante o processo, tentaremos descobrir como os garis se sentem em relação ao seu trabalho e como acreditam que são vistos, e mostrar tais descobertas em um documentário.

Objetivos

Cidadão de Limpeza Urbana tem como objetivo tentar dar voz a garis do Distrito Federal por meio do exercício de práticas jornalísticas com linguagem documental.

Estudos divulgados em maio de 2011 pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) indicam que o índice de Gini – que mede o nível de desigualdade entre

⁵Ser cidadão é ter direito à vida, à liberdade, à propriedade, à igualdade perante a lei: ter direitos civis. É também participar no destino da sociedade, votar, ser votado, ter direitos políticos. Os direitos civis e políticos não asseguram a democracia sem os direitos sociais, aqueles que garantem a participação do indivíduo na riqueza coletiva: o direito à educação, ao trabalho justo, à saúde, a uma velhice tranquila. (CIDADANIA; 2011)

ricos e pobres – brasileiro é de 0,496. Quanto mais perto de 1, mais desigual é o país. (IPEA, 2011). Mas não são necessários índices numéricos para se chegar à conclusão de que o Brasil é um país extremamente desigual. Tal realidade é vivida diariamente pela população brasileira.

A diferença salarial é gritante entre os trabalhadores brasileiros. Na atual conjuntura do mundo ao qual vivemos, é valorizado quem tem, não quem é. Ou seja, é respeitado quem ganha bem, quem pode comprar muito.

De um lado da ponta temos os políticos ganhando cerca de R\$24.000 por mês, enquanto os garis recebendo R\$545, um salário mínimo. Esses políticos ainda têm várias regalias, como recesso, décimo terceiro, décimo quarto, auxílio moradia, entre outras. Os garis, trabalhadores que estão na rua limpando a sujeira da sociedade, um trabalho pesado, braçal, recebem o vale transporte e auxílio periculosidade. O mais bonito de se ver é a alegria que eles exercem a função.

Com um salário mínimo e tendo que sustentar uma família, muitos desses trabalhadores não conseguem ter além do essencial, do pão de cada dia. Como conseguirão voz e respeito no Brasil capitalista? Essas pessoas também têm sonhos, objetivos. Elas também querem ser respeitadas, olhadas com bons olhos, querem ser ouvidas.

Incomodados com tal realidade, queremos expor à sociedade a vida desses trabalhadores, seus problemas e como executam diariamente seu trabalho. A maneira com que enfrentam a árdua missão de deixar a cidade limpa, de mexer com o lixo, nos resíduos das pessoas.

É impossível prever uma resolução para os problemas dessas pessoas a partir do nosso trabalho. E é difícil dizer se essa seria mesmo a missão do jornalista/documentarista. Nossa obrigação jornalística é mostrar realidades, mostrar à sociedade o que acontece em sua frente sem que ela faça sequer questão de reparar. Para que tristes realidades se alterem, a percepção das pessoas sobre determinados eventos deve ser alterada.

Justificativa

O tema inicial, *pessoas invisíveis*, era muito amplo. Existem no Brasil inúmeros grupos de indivíduos que a sociedade prefere ignorar. Podemos citar alguns grupos como exemplo: mendigos, prostitutas, pessoas que moram em favelas ou acampamentos, entre outros.

Como o morador de um acampamento foi a motivação inicial do trabalho, optamos por falar a respeito deles. Assim como foi explicado na introdução, os moradores de rua eram a nossa primeira opção, mas precisamos abrir mão de realizar o trabalho com eles devido às circunstâncias descritas anteriormente. Procuramos um outro grupo de pessoas que também são ignorados pela sociedade. Chegamos até os garis.

Eles são trabalhadores que por terem o lixo como instrumento de trabalho são ignorados e menosprezados pela sociedade. Quando vestem o uniforme alaranjado passam a ser invisíveis.

Juntamos a vontade de dar voz a essa categoria com o desejo de fazer um produto comunicacional, no caso o documentário, não elitizado, de cunho social, que visa olhar para essas pessoas que tem a função de limpar a cidade.

Como falado no tópico anterior, queremos mostrar pelo menos um recorte da vida de nossos personagens, e junto com esse recorte os problemas e situações enfrentados no expediente e na vida deles.

Para Adriano Duarte Rodrigues, a mídia não é um campo de estruturação social. A imprensa, na verdade, exerce um papel de mediação dos fatos a partir social e para o social. No entanto, isso não significa que ela é totalmente aberta a essa divisão da sociedade. (RODRIGUES *apud* SILVA, 2002)

Somente há espaço para a divulgação do social quando ele se torna um fato noticioso. De maneira geral, as classes sociais com menor poder aquisitivo não estão nas pautas do grandes meios, a não ser que suas histórias venham acompanhadas de crimes, acidentes, tragédias e muitos mortos. Como, por exemplo, os dois garis que foram atropelados em São Paulo no dia 25 de outubro de 2011.

Na tentativa de contornar essa falta de espaço na agenda da grande mídia para mostrar o outro lado da vida de trabalhadores menos privilegiadas e reconhecidas pela sociedade, faremos nosso documentário. Mostrar que mesmo em meio ao lixo há uma orgulho, alegria, risadas, preocupação e sonhos.

METODOLOGIA

Um filme é feito de escolhas e cresce quando detalhes e sutilezas são pensados. Não se produz um documentário do nada, pela pura e simples intuição. É preciso raciocinar sobre que o será e o que foi feito, digerir informações, transformar depoimentos aleatórios

em uma cadeia de sequências que se completem e dêem sentido umas às outras. Foi a partir dessas decisões e após um longo processo de produção que *Cidadão de Limpeza Urbana* deixou de ser um projeto e tornou-se realidade.

Entre os procedimentos mais importantes no processo de produção do filme, se deu a criação de um roteiro de perguntas semi-estruturado. Através desse procedimento, criamos um padrão de informações que deveriam, obrigatoriamente, estar presentes ao longo do documentário. Como, por exemplo, como é o trabalho e se já sofreram algum tipo de preconceito durante o expediente.

O processo de captação de imagens e entrevistas durou de 05 de agosto de 2011 a 11 de outubro de 2011. Nesses dias, seguimos garis enquanto trabalhavam, uma vez que o grande número de quadras a cobrir torna praticamente impossível a existência de uma pausa para que entrevistas fossem dadas mais calmamente. Com a grade horário deles em mãos, optamos por diferentes turnos e tipos de trabalho.

Para a criação do roteiro, as 3 horas e 44 minutos de vídeo foram decupados e transcritos, de modo que tivéssemos acesso imediato a tudo que havia sido dito pelos entrevistados. A partir daí, optamos por separar o filme em blocos (apresentação, trabalho, perigos, preconceito, orgulho, histórias paralelas e alerta final). Cada uma das sequências foi introduzida por uma legenda branca em fundo preto.

Como optamos por não usar um narrador-externo, as legendas que precediam os quadros serviam como guia. A partir do momento que a temática era apresentada, todo o resto da narração era feita através da seleção de depoimentos, de modo que estes se encaixassem e fizessem sentido sozinhos.

O filme conta, ainda, com trilha sonora como pano de fundo em cinco momentos: abertura, clipe no bloco do trabalho, clipe no bloco do preconceito, sequência final e créditos. As músicas foram compostas por Tawana Yung. A ideia é que a trilha sonora desse uma noção mista de urbano, repetitivo, calmo e intenso, tudo ao mesmo tempo. Afinal, assim é o trabalho dos garis.

A única trilha que foge à ideia do urbano é a de abertura. A pegada folclórica faz referência a músicas dos clássicos filmes de *western*. A ideia é que o momento traga à tona a sensação do mistério. A noção de que o desconhecido (forasteiro) é importante e pode fazer toda a diferença no desfecho da história.

Apesar de o resultado final ter sido satisfatório, o processo de produção foi árduo. Ao longo de pouco mais de dois meses de filmagem precisamos lidar com uma série de

problemas e empecilhos. Entre eles, o escasso número de membros na equipe. Em dias de facilidade, tínhamos três pessoas para filmar, entrevistar, segurar microfone de boom (uma vez que a maioria das filmagens são externas) e ainda tentar pensar em fotografia e possíveis cortes.

CONCLUSÃO

Após semanas de filmagens e convivência com os garis, ficou claro em nossas mentes a importância desses trabalhadores para a sociedade, mas não só porque deixam a cidade limpa, e sim porque são, em sua grande maioria, cidadãos conscientes. Pessoas que se importam com o próximo.

Os trabalhadores da categoria se sentem bem com seu ofício. Diríamos até que mais do que isso, sentem orgulho e prazer. Fomos com uma visão de que eles iriam reclamar do trabalho, do cheiro, da vida. Alguns reclamaram, sim, desses pontos, mas ao serem questionados se sentiam vergonha de serem garis, todos foram bem enfáticos ao afirmarem que não têm motivo para se envergonhar, pois deixar a cidade limpa é o que coloca o pão de cada dia na mesa deles.

Preconceito é uma realidade vivida diariamente. Seja de madames que tapam o nariz e fecham cara quando algum deles chega, ou por crianças mal educadas gritando que eles fedem, que jogam lixo no chão, dizendo que eles são pagos para catar. Mas com toda humildade do mundo, eles fazem trabalho deles com dignidade e alegria.

Essas pessoas, como qualquer ser humano, só desejam ser respeitadas e terem seu trabalho reconhecido. Querem ser chamadas de gari, não de lixeiro. Sonham com o dia que entrarão em um estabelecimento e serão tratadas bem como qualquer outro cliente. E nós, Lucas e Thandara, passamos a sonhar junto com eles. Concluimos que o uniforme alaranjado não é uma capa da invisibilidade, e sim um uniforme de um trabalho tão digno quanto qualquer outro.

No início deste trabalho, uma série de questões técnicas foram colocadas em destaque. Entre elas de qual seria a melhor maneira de registrar o trabalho dos garis. A solução encontrada foi acompanhar a rotina de trabalho, vendo e filmando de perto como é ser um gari. Tão perto ao ponto de correr com eles atrás do caminhão. Por mais que tentássemos, em alguns momentos era impossível não interferir no ofício, já que os trabalhadores paravam por alguns minutos no intuito de conceder os depoimentos com mais calma.

Outro ponto levantado foi a respeito da iluminação com set light. O questionamento se deu devido à necessidade real de utilização. De fato, a iluminação específica era necessária para a maior qualidade das imagens. No entanto, se fez completamente inviável devido ao curto período de tempo disponível, número insuficiente de membros da equipe (duas ou, no máximo, três pessoas para a gravação) e natureza das filmagens. Na maioria das vezes precisávamos correr e acompanhar o trabalho deles. O que já foi difícil com câmera e microfone de boom seria impossível com a luz.

Além disso tudo, pudemos constatar uma alteração em nossa maneira de enxergar os garis. Antes da realização do trabalho, mal os víamos no meio da rua. Agora, parece que as pessoas de uniforme alaranjado surgem da terra, estão em toda parte. Como dito ainda na epígrafe desse trabalho, uma vez que se olha para eles, nunca mais deixaremos de ver essas pessoas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUMONT, Jacques; MICHEL, Marie. **Dicionário teórico e crítico de cinema**. Campinas: Papirus, 2003.

BBC. **Closing Credits**. Disponível em:
<<http://www.bbc.co.uk/commissioning/tv/production/credit-guidelines/closing-credits.shtml>>. Acesso em: 28 out. 2011.

CIDADANIA, Coordenadoria Dos Direitos da. **Cidadão e Cidadania: O que é ser cidadão**. Disponível em: <<http://www.codic.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=8>>. Acesso em: 06 ago. 2011.

COMUNICAÇÃO, Dicionário de. **Dicionário de Comunicação: enciclopédia multimídia livre de Comunicação Social**. Disponível em:
<<http://dicionarioparaconcursos.blogspot.com/>>. Acesso em: 20 maio 2011.

COSTA, Fernando Braga da. **Homens Invisíveis: relatos da humilhação social**. São Paulo: Globo, 2004.

EISENSTEIN, Sergei. **O sentido do filme**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa**. 4ª Curitiba: Editora Positivo, 2009.

KOVACH, Bill e ROSENSTIEL, Tom. “Para que serve o jornalismo?”. In: **Os elementos do jornalismo – o que o jornalistas devem saber e o público exigir**. São Paulo: Geração Editorial, 2003. p. 27-57

LINS, Consuelo. **O documentário de Eduardo Coutinho: televisão, cinema e vídeo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

MEYER, Philip. “Salvando o jornalismo”. In: **Os jornais podem desaparecer? Como salvar o jornalismo na era da informação**. São Paulo: Contexto, 2007. p. 213-239

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. Campinas: Papyrus, 2007.

RABIGER, Michael. **Direção de cinema: técnicas e estética**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.

RAMOS, Fernão Pessoa. **Mas afinal... O que é mesmo documentário?** São Paulo: Editora Senac, 2008.

REFERENCE ANSWERS. **D. W. Griffith, Filmmaker**. Disponível em:
<<http://www.answers.com/topic/d-w-griffith>>. Acesso em: 27 de maio de 2011.

SILVA, Luiz Martins da. “Imprensa e Cidadania: possibilidades e contradições”. In: MOTA, Luiz Gonzaga (org.). **Imprensa e Poder**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2002. p. 47-74

Filmografia

À margem da imagem, idem, Evaldo Mocarzel, 2003, 72 minutos, Brasil.

Boca de Lixo, idem, Eduardo Coutinho, 1990, 49 minutos, Brasil.

Nanook, o esquimó, *Nanook of the North*, Robert Flaherty, 1922, 79 minutos, EUA.

Santa Marta - duas semanas no morro, idem, Eduardo Coutinho, 1987, 54 minutos, Brasil.